



## CONGRESSO

# “O Brasil precisa mesmo de pacificação”

Reeleito para a presidência do Senado, Rodrigo Pacheco prega que a “polarização tóxica” seja definitivamente erradicada do país. Parlamentar faz “defesa intransigente da democracia e destaca que discurso golpista tem de ser desestimulado”

» RAPHAEL FELICE  
» TAÍSA MEDEIROS

Ed Alves/CB/D.A Press



Reeleito para a presidência do Senado por 49 votos a 32, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) fez um discurso veemente pela pacificação do país e em defesa da democracia. O parlamentar eleito por Minas Gerais derrotou, no pleito, o candidato bolsonarista Rogério Marinho (PL-RN). Pouco antes, a Casa deu posse aos 27 senadores eleitos em 2022.

Após a vitória, Pacheco enfatizou que “o Brasil precisa mesmo de pacificação”. Segundo ele “poderes da República precisam trabalhar em harmonia, buscando consenso pelo diálogo”.

“Pacificação é, enfim, estar do lado certo da história, o lado que defende o Brasil e o povo brasileiro. Para isso, a polarização tóxica precisa ser definitivamente erradicada do nosso país”, frisou.

Como exemplo das consequências atroz da polarização, citou a depredação dos prédios dos Três Poderes, no último dia 8, e enfatizou que os ataques estão sendo superados, mas não serão esquecidos. “Temos ações redobradas de preservação da nossa democracia. O recado que o Senado dá ao Brasil, agora, é que manteremos a defesa intransigente da democracia”, destacou. “As lideranças políticas que têm compromisso com o Brasil não podem se omitir neste momento. O discurso golpista que aflige e afasta a democracia deve ser desestimulado.”

Visivelmente emocionado, o presidente reeleito cumprimentou o adversário ao subir à tribuna e sentar-se à cadeira da presidência do Senado, na qual ficará por mais um biênio. “As disputas democráticas robustecem as instituições, fortalecem a democracia e favorecem o diálogo”, ressaltou. “Diante disso, cumprimentou o senador Rogério Marinho, a quem rendo minhas homenagens pela disputa travada. A essência da democracia deve ser esta: solucionar disputas e fazer a divergência pacificamente.”

**Pacheco de volta à cadeira presidencial: “As disputas democráticas robustecem as instituições, fortalecem a democracia e favorecem o diálogo”**



**A democracia está em pé pelo trabalho de quem se dispõe ao diálogo, não ao confronto”**

**Rodrigo Pacheco (PSD-MG), reeleito presidente do Senado**

### Ofensiva do Executivo

Rodrigo Pacheco sempre foi favorito na disputa, mas, desde a última semana, o governo e até o Judiciário entraram na campanha para reforçar sua recondução ao cargo. O presidente Lula escalou ministros do governo para negociar nos bastidores e prometeu liberar cargos de segundo e terceiro escalão, que vêm sendo pleiteados por parlamentares — há reclamações recorrentes de que o PT travou as indicações.

O parlamentar destacou a atuação que teve na gestão anterior, quando defendeu a vacina no combate à pandemia e

reprovou o negacionismo. Também mencionou o enfrentamento às notícias falsas e lembrou ter pedido à Câmara a apreciação de

um projeto sobre o tema, já aprovado pelo Senado. O presidente do Congresso argumentou que as redes sociais não podem ser uma “terra sem lei” e que se deve estabelecer limites na internet.

“As pessoas não podem agredir umas às outras, independentemente de ser pessoa pública ou não, com argumentos falsos, com verbosagem muito agressiva. É muito importante nos mobilizarmos dentro do estabelecimento desses limites”, frisou. “A falta desses limites tem atrapalhado muito o Brasil, tem contaminado as relações entre as instituições, a relação entre as pessoas na sociedade de modo geral”, acrescentou.

### Vigilante

Já Marinho fez uma campanha em que atacou Pacheco sob

alegação de inação do Congresso na defesa de parlamentares punidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Depois da derrota, disse que trabalhará para que a Casa “faça, de fato, o papel que a sociedade espera dela”. “No nosso papel de oposição ao governo, estaremos vigilantes, mas defendendo a instituição”, prometeu.

Os últimos dias de campanha foram marcados por intensa articulação por parte das duas candidaturas. A disputa pelo comando da Casa repetiu a polarização da eleição presidencial do ano passado. “Estávamos muito confiantes de que se a eleição fosse ontem ou hoje, teríamos a grande oportunidade de vitória. Mas o fato é que houve um trabalho muito forte do nosso adversário, do próprio governo”, argumentou Marinho.

## Alcolumbre desabafa

O senador Davi Alcolumbre (União-AP), aliado de Rodrigo Pacheco (PSD-MG), criticou a postura de Rogério Marinho (PL-RN) no enfrentamento ao candidato reeleito à presidência do Senado. Segundo ele, o postulante bolsonarista não apresentou propostas, teve postura “agressiva e desleal” e “agrediu colegas” em seus discursos de campanha.

Alcolumbre mencionou críticas do governo Bolsonaro a seu trabalho na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). “Quando ele começa a agredir colegas senadores, eles não lembram que no governo do candidato que o apoia, que é o ex-presidente Bolsonaro, muitas matérias foram solicitadas à CCJ que desse celeridade, e eu atendi ao pedido do governo, do mesmo governo que apoiou esse candidato que me criticou”, acrescentou.

O parlamentar afirmou que houve envolvimento de seu nome nos ataques feitos por Marinho. Senadores como Alessandro Vieira (PSDB-SE) e o líder do próprio PSD, Nelsinho Trad (MS), apontaram a proximidade de Pacheco e Alcolumbre como um dos motivos para apoiar a candidatura de Marinho. O político do Amapá foi um dos principais articuladores da campanha do candidato reeleito.

“Colocaram o meu nome no meio do processo há uma semana. A campanha do candidato esqueceu de falar do presidente Rodrigo para falar do ex-presidente Davi. Sou apenas um eleitor, um apoiador e um cabo eleitoral de um bom candidato”, frisou. “Não posso ser penalizado por isso. Fui agredido e ofendido há sete dias pela campanha adversária. Mas o resultado provou que na agressão não se constrói, tanto que o presidente Pacheco teve quase 50 votos.” (RF e TM)

## Marinho entra na disputa para liderar a direita

» KELLY HEKALLY  
Especial para o Correio

Ed Alves/CB/D.A Press



**Eduardo Girão conversa com Marinho, o candidato derrotado**

ligar para senadores e pedir votos a favor do ex-ministro.

No plenário, Marinho reiterou a importância da liberdade de expressão, sinalizando ser a favor de que senadores possam ir à tribuna e usar seu tempo de fala sem filtros, em um entendimento de que parlamentares tenham o

direito de fazer declarações descompromissadas com o combate às fake news. Sem mencionar nomes, fez críticas à atuação dita política de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

Com essa postura, Marinho se apresenta para liderar o conservadorismo tóxico. Há outros

nomes em busca desse posto, como Sergio Moro (União Brasil-PR); Hamilton Mourão (Republicanos-RJ); e, com menos força em relação aos colegas, Damare Alves (Republicanos-DF) — todos empossados ontem.

Com a recondução do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a bancada composta por PL, PP, Republicanos, Podemos, PSDB e por parte do União Brasil define entre os colegas. Maior partido da Casa logo depois do pleito de 2022, o PL está atualmente na condição de segundo mais numeroso, com 13 integrantes. Perdeu o primeiro lugar para o PSD de Gilberto Kassab, que soma 15, após inflar a legenda nos últimos dias com a migração de Eliziane Gama, Mara Gabrielli, Zenaide Maia e Daniella Ribeiro. Com o total, a legenda acumula também a maior bancada feminina. Considerando o perfil de articulação de Pacheco, a formação aponta para o avanço de pautas progressistas ligadas à mulher.

### Michelle no Senado

Sergio Lima/AFP



A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro foi ao Senado para entrar na campanha de Rogério Marinho (PL-RN) à presidência da Casa. Questionada se o ex-presidente Jair Bolsonaro não retornou dos Estados Unidos, onde está desde 30 de dezembro, por temer ser preso, Michele respondeu: “Não é ele que tem de ter medo de ser preso”. Pouco depois, o ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, entrou no Salão Azul e foi informado que a ex-primeira-dama estava no local, pedindo votos para Marinho. “Acho que o fato de o marido dela ter fugido do país, não ter passado a faixa presidencial e ter se recusado a admitir a derrota não é um bom cartão de visita”, afirmou.